

# "Canto esponjoso": a construção do espetáculo mítico

*Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza*

UNAERP, Ribeirão Preto, SP, Brasil  
evohe@flamingo.com.br

*Vera Lúcia Rodella Abriata*

UNAERP, Ribeirão Preto, SP, Brasil  
vabriata@online.unaerp.br

**Abstract:** Based on the French Semiotics theory, this paper analyzes the poem "Canto Esponjoso" by Carlos Drummond de Andrade. The aim is that of describing some strategies used by the enunciator to create the referential illusion and the enunciative illusion in the text, showing its pluri-isotopical character.

**Resumo:** Este trabalho analisa o poema "Canto Esponjoso", de Carlos Drummond de Andrade, com base no referencial teórico da semiótica francesa. O propósito é descrever as estratégias utilizadas pelo enunciador para criar a ilusão referencial e a ilusão enunciativa no texto, desvelando seu caráter pluriisotópico.

Em "Canto esponjoso" o enunciador simula a vivência de um momento mágico, simultâneo ao presente da enunciação. O espaço é à beira-mar e o tempo é o de uma manhã. Em estado de êxtase, o "eu" reflete sobre a beleza do instante em que se funde à natureza, fruindo-o prazerosamente. Sua comoção perante a "poesia do momento" é de tal intensidade que provoca nele o desejo de cantar para expressá-la. Entretanto, embora no nível narrativo esteja modalizado pelo *querer-cantar*, ele se cala. Apenas o silêncio reverencioso seria capaz de traduzir a magnitude da relação sensorial que mantém com o objeto. Nesse aspecto, o canto ou qualquer outra manifestação lingüística seriam imperfeitos para expressar o encantamento perante a experiência vivida. A manhã prescindiria, assim, de mito.

A "poesia do momento", que o "eu" capta de forma tão intensa, faz eco não só a outro texto de Drummond, "Poesia" (Andrade, 1977, p. 65), mas também relembra a apreensão do "grande acontecimento estético" a que alude Greimas (1987, p.14) em *Del'imperfection*. Essa apreensão estaria associada ao momento de fusão entre o sujeito "eu" e o objeto "mundo", metonimicamente representado no poema pela paisagem marítima.

"Canto esponjoso" traduz, por conseguinte, como os textos que Greimas (1987) magistralmente analisa no livro citado, um momento de "estetização" da vida. Aliás, a reiteração do lexema "bela" manifesta, de modo enfático, o estado de fascínio do "eu" perante o objeto no qual simula integrar-se. O simulacro a que nos referimos relaciona-se à estratégia enunciativa utilizada pelo enunciador para *fazer-nos crer* na simultaneidade

entre o momento da enunciação e o que nele se enuncia: a embreagem.

Relembremos que a função da embreagem é, no dizer de Bertrand (2000, p. 58), manifestar e recobrir o "lugar imaginário da enunciação" por meio de simulacros de presença que são eu, aqui e agora. Ainda de acordo com o semioticista francês (Bertrand, 2000, p. 59), o texto de Drummond é um monólogo lírico em que o enunciador cria a impressão de que reflete sobre o momento mágico no momento em que ele ocorre. Desse modo, anulando a oposição entre enunciado e enunciação, aproxima-nos da cena enunciativa e possibilita-nos entender o espetáculo mítico como "criação", simulacro lingüístico da manhã real. Um espetáculo de linguagem poética que, ludicamente, instaura a reconstruir.

Cumpramos notar ainda que "Canto esponjoso", como "Continuidade dos parques", texto de Julio Cortazar, analisado por Greimas (1987, p. 55-68), não se restringe ao relato de uma experiência estética vivenciada pelo eu poético, mas pode ser considerado também o esboço de uma "teoria" da literatura. Nesse sentido, o texto tem um caráter pluriisotópico e a isotopia metadiscursiva, que nele se manifesta, convive harmoniosamente com as isotopias actorial, temporal e espacial, responsáveis pela criação da ilusão referencial.

Integra-se à isotopia metadiscursiva a figura do "canto esponjoso". Pertence também a essa isotopia a figura "manhã", redundante no texto. "Esta manhã" é alusão a uma manhã de palavras que se materializa no presente da cena enunciativa, como indica o dêitico "esta". Denega-se, pois, por meio de tal figura, a referência a uma manhã "real", simultânea ao momento de enunciação. A "manhã" que se concretiza no "canto" é fruto da "invenção" literária, como qualquer "outra possível" e não se confunde com a manhã verídica. É uma manhã "verossímil", no sentido que Aristóteles (1966) atribui ao termo, e se materializa a todo o momento em que o texto é lido, momento mágico em que a vida se corporifica por meio do verbo poético, capaz de tornar qualquer invenção "possível". O objeto pode vir, portanto, inventado, não mais aquele que se pretendia sem mistério, "sem carência de mito".

Ao longo do poema, no entanto, simula-se que a beleza e a poesia estão inscritas na paisagem. A apreensão de um percurso figurativo composto de figuras relativas ao espaço marítimo, tais como "mar", "areia", "valvas", "luz azul" possibilita a criação da ilusão referencial. Esse efeito de sentido de verdade se reitera por meio de isotopias visuais, táteis e auditivas depreendidas no texto, a partir das impressões sensoriais que o ambiente provoca no eu poético. Notamos, pois, que as isotopias sensoriais não se separam das isotopias actorial, espacial e temporal que se manifestam no poema. Exemplo de isotopia tátil ocorre, por exemplo, no verso "umidade de areia adere ao pé". A percepção sensorial tátil relativa à "umidade" é do eu poético, metonimicamente figurativizado por seu "pé". A umidade e a areia, por outro lado, são figuras metonímicas referentes ao ambiente marítimo.

É interessante observar, por outro lado, que raras vezes no texto ocorrem ações operadas pelo sujeito poético como no verso "engulo o mar, que me engole", justamente porque o enunciador optou por revelar-nos o estado de conjunção mítica do "eu" com o objeto estético. O tema da unidade mítica entre o "eu" e a natureza também aí se manifesta por meio das figuras do "eu" e do "mar", que, ora são sujeito, ora objeto da

ação nesse verso.

Às estratégias criadoras de ilusão referencial, responsáveis pela instauração de tais isotopias no texto, se alia, ainda uma outra que, no verso citado, cria a ilusão enunciativa: a presentificação temporal, marcada nas formas verbais "engulo", "me engole". Desse modo, o enunciador aproxima-nos do espetáculo e é como se, no momento da leitura, pudéssemos visualizar a cena em que o "eu" – o englobado – e o mar – o englobante – se fundem e se confundem, trocando respectivamente de papéis.

A fusão harmônica entre elementos da natureza aparentemente antagônicos como o eu e o mar, típica do mito, pode ser observada ainda na analogia insólita, circular que se estabelece entre "valvas" – as conchas do mar – e "curvos pensamentos" – figura metonímica alusiva ao ser humano<sup>1</sup>, possibilitando ao enunciatário visualizar o espetáculo em que "animado humano" e "animado não humano" harmonicamente se integram numa unidade mítica. As percepções sensoriais são, ainda, do eu poético e continuam a se mesclar. Sensações táteis, visuais vão gradativamente se espraiando pelo texto e, ao final, abarcam "todas as formas constituídas". Nesse momento, num mergulho abissal, o "eu" deixa de ser "eu" para ser "corpo" em fusão com o "corpo geral do mundo".

A própria seleção da figura "valvas", no percurso figurativo relativo ao espaço marítimo, em detrimento do termo sinonímico – "conchas do mar" – desvela a opção do enunciador pela linguagem mitopoética. No contexto do poema – vale lembrar – "valvas" é explorada enquanto signo eminentemente icônico, pois traz inscrito, em seu plano de expressão, o traço sêmico /circularidade/<sup>2</sup>, o que faz eco a outros elementos do espaço marítimo, recriados na cena enunciativa, espaço onde elementos antagônicos tomam forma, se constituem numa espécie de simulacro de unidade mítica.

Nesse aspecto, vale a pena voltarmos-nos para o plano de expressão do texto em que a isotopia metadiscursiva do "canto esponja" também se manifesta. Nota-se aí a predominância dos fonemas fricativos /s/, /z/, /ʒ/, /f/, /v/ que relembram iconicamente o canto do mar, recriado no "canto" que é o poema. Convém ressaltar que os fonemas fricativos, caracterizados pela continuidade, se opõem aos fonemas oclusivos, também presentes em grande número no texto, e marcados pela descontinuidade.

Assim, apesar de o "eu" referir-se ao silêncio reverencioso como a única forma de expressão possível frente à poesia do momento de plenitude – feliz, mas fugaz – que simula vivenciar no momento presente<sup>3</sup>, nota-se que, no plano de expressão do texto, tal silêncio – também marcado pela descontinuidade – é denegado, pois ocorre aí a predominância de fonemas contínuos.

Dessa perspectiva, à categoria semântica /descontinuidade/ vs /continuidade/, do

---

<sup>1</sup> Note-se a presença do sema "curvilinearidade", presente tanto em "valvas" quanto em "curvos".

<sup>2</sup> Isso se evidencia pela reiteração dos fonemas sonoros /v/ e /a/.

<sup>3</sup> Relembremos os versos: "vontade de cantar, mas tão absoluta/ que me calo, repleto" (Andrade, 1977, p. 228).

plano de expressão do texto, correlaciona-se outra, do plano de conteúdo: a oposição /transitoriedade/ vs /perenidade/. Podemos concluir, então, que o canto criado na cena enunciativa, tal qual uma esponja do mar, é aquele que tem a função de sorver a beleza fugaz do momento real, absorver o objeto, transfigurando-o em linguagem literária que se revela perene porque prima por um alto grau de densidade poética.

Simula-se, pois, ao longo do texto, que o eu poético vivencia, no presente, um momento de plenitude. A impressão de "fato verdadeiramente ocorrido" é, portanto, efeito de sentido resultante da utilização de mecanismos responsáveis pela produção de ilusão referencial. A reiteração de figuras relacionadas ao ambiente marítimo é um dos recursos utilizados pelo enunciador que visam a persuadir o enunciatário acerca do caráter real do universo projetado, como se a cena-objeto, diante do sujeito observador, pudesse ser a explicitação de um mundo sem a presença do mito. Assim, cria-se a ilusão de que o sujeito do enunciado envolve-se com o objeto, sem a necessidade de mediação da palavra, em um mergulho sensível em que ambos se fundem. A esse percurso, todavia, se superpõe aquele formado de figuras associadas à isotopia metadiscursiva.

Essa superposição de isotopias revela o jogo que se estabelece no texto entre o verdadeiro e o verossímil e seu caráter pluriisotópico. Já a ilusão enunciativa se origina da utilização, por parte do enunciador, do mecanismo da embreagem. Desse modo, entre o silêncio e o canto, ainda que negado, há o progressivo desvelamento, aos olhos do enunciatário, da enunciação, reconstruindo mitopoeticamente a cena.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, C. D. [1977] - **Poesia Completa e Prosa**, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

ARISTÓTELES. [1966] - **Poética**. Porto Alegre, Globo.

BERTRAND, D.[2000] - **Précis de Sémiotique Littéraire**. Paris, Nathan HER.

GREIMAS, A. J. **De L' imperfection**. [1987] - Périgueux, Pierre Fanlac.